



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 2

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-070-4

DOI 10.22533/at.ed.704192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DESEMPENHO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM UM TESTE ESCRITO	
Ariane Moreira Tavares Eduardo Batista da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925011	
CAPÍTULO 2	17
(DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O ENTRE-LUGAR EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO	
Josiane Lopes da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925012	
CAPÍTULO 3	26
DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL	
Kátia Cristina Pelegrino Sellin Ricardo Magalhães Bulhões	
DOI 10.22533/at.ed.7041925013	
CAPÍTULO 4	37
DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM	
Manuel Álvaro Soares dos Santos Erika Maria Santos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7041925014	
CAPÍTULO 5	52
ENEIDA MARIA DE SOUZA: A CRÍTICA QUE É A MIM TÃO CULT	
Camila Torres Edgar César Nolasco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7041925015	
CAPÍTULO 6	64
ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Iris Cynthia de Souza Ferreira Antonio Henrique Coutelo de Moraes Madson Góis Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.7041925016	
CAPÍTULO 7	73
ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA	
Denise Moreira Santana Nathália Coelho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925017	
CAPÍTULO 8	83
EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Diana Gonzaga Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925018	

CAPÍTULO 9	90
ESPAÇO E OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.7041925019	
CAPÍTULO 10	101
<i>ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS: ESTRUTURANDO UMA DISCIPLINA DE ESPAÑOL DE LOS NEGOCIOS</i>	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
Silvia Renata Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.70419250110	
CAPÍTULO 11	115
EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI	
Sandra dos Santos Vitoriano Barros	
Helciclever Barros da Silva Vitoriano	
DOI 10.22533/at.ed.70419250111	
CAPÍTULO 12	127
O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA POSSÍVEL	
Josefa Maria dos Santos	
Benedito Gomes Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.70419250112	
CAPÍTULO 13	145
IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO USO DA INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	
Ronaldo Miguel da Hora	
DOI 10.22533/at.ed.70419250113	
CAPÍTULO 14	159
LEITURAS ROSIANAS: COMICIDADE, CULTURA E LITERATURA	
João Paulo Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.70419250114	
CAPÍTULO 15	167
LITERATURA E AS MÍDIAS VISUAIS: UMA RELAÇÃO	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
DOI 10.22533/at.ed.70419250115	
CAPÍTULO 16	177
LITERATURA E TANATOLOGIA EM QUESTÃO: QUANDO A MORTE FALA DA VIDA	
Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.70419250116	
CAPÍTULO 17	190
MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO	
Saul Cabral Gomes Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.70419250117	

CAPÍTULO 18	200
MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL	
Aline Santos Pereira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250118	
CAPÍTULO 19	211
NARRADOR E FOCALIZAÇÃO NO ROMANCE <i>ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS</i> , DE NOEMI JAFFE	
Josilene Moreira Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.70419250119	
CAPÍTULO 20	221
NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE	
Aline Wieczikovski Rocha	
Catiúcia Carniel Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.70419250120	
CAPÍTULO 21	231
NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE	
Luziane Patricio Siqueira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250121	
CAPÍTULO 22	242
“NAVEGANDO À TERRAS DISTANTES”: TEATRO CONTEMPORÂNEO PARA CRIANÇAS	
Diego de Medeiros Pereira	
Simoni Conceição Rodrigues Claudino	
DOI 10.22533/at.ed.70419250122	
CAPÍTULO 23	255
O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA	
Ana Claudia Duarte Mendes	
Dejair Dionísio	
DOI 10.22533/at.ed.70419250123	
SOBRE A ORGANIZADORA	270

EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI

Sandra dos Santos Vitoriano Barros (UnB)

Mestre em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Foi orientada pelo Professor Dr. Sidney Barbosa, orientando investigações nas linhas de pesquisa “Literatura e outras Artes” e “Textualidades: da leitura à escrita”. E-mail: sandrikeira@gmail.com.

Helciclever Barros da Silva Vitoriano (UnB)

Doutorando e Mestre em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador do Inep. Membro do Grupo de Pesquisa em Dramaturgia e Cinema, da UNESP (Araraquara) e do Grupo de Pesquisa LIAME - Literatura, Artes e Mídias, da Universidade de Brasília. E-mail: helciclever@gmail.com. Orientado pelo Professor Adjunto da Universidade de Brasília (UnB) André Luís Gomes. Membro dos Grupos de Pesquisas em Dramaturgia e Cinema, da UNESP (Araraquara) e Coordenador do Grupo de Pesquisa LIAME - Literatura, Artes e Mídias, da Universidade de Brasília

Tártaros” publicado em 1940 do escritor, pintor e jornalista italiano Dino Buzzati, enfocando neste percurso analítico, a ênfase do cineasta italiano em recuperar criativa e imagetivamente pontos fundamentais da escrita existencialista e surrealista de Buzzati, sem, contudo, se prender a ideia ultrapassada de fidelidade ao texto fonte, embora haja relativa conexão entre os discursos cinematográfico e literário em termos de coerência e ponto de vista explorado pelo cineasta em sua recriação.

Valerio Zurlini é italiano de Bolonha e atuou também como roteirista em vários de seus filmes. A sua filmografia começa em 1954 com *Le ragazze di San Frediano*, sendo esta película sucedida pelas seguintes em ordem cronológica: *Estate violenta* (1959, diretor e roteirista), *La ragazza con la valigia* (diretor e roteirista), *Cronaca familiare* (1962, diretor e roteirista), *Le soldatesse* (1965, diretor e roteirista), *Seduto alla sua destra* (1968, diretor e roteirista) *Come, quando, perché* (1969) *La promessa* (1970), *La prima notte di quiete* (1972), *Il deserto dei tartari* (1976). Infelizmente, o trabalho de Zurlini sempre ficara à sombra de outros cineastas italianos, como Fellini, Visconti, Antonioni e Pasolini.¹

1 | INTRODUÇÃO

Discorreremos sobre as opções estéticas e cinematográficas de Valerio Zurlini para a composição discursiva de sua tradução intersemiótica do romance “Deserto dos

¹ Este trabalho contou com apoio institucional e financeiro da FAPDF. Versão prévia deste trabalho foi publicada nos Anais do SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM LEITURA, LITERATURA E LINGUAGENS: Novas topografias textuais 04 a 06 de outubro de 2017 UPF-Passo Fundo (RS), Brasil Disponível em: https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/seminarioleitura/artigos-seminario-j-v-2.pdf. Acesso em: 8 set. 2018.

O trabalho de adaptação do romance de Buzzati é prova inequívoca das qualidades de Zurlini em prover sua cinematográfica de outras referências artísticas, sem, no entanto, perder a autonomia na condução estética de seu cinema.

O filme *Il Deserto dei tartari* (1976) é uma produção ítalo-franco-tesca e que contou em seu elenco com a presença marcante do famoso ator Giuliano Gemma (que interpreta o oficial Mattis) e de outros atores de peso. Para o papel de Giovanni Drogo foi escolhido o ator Jacques Perrin.

Neste sentido, ancoramos nossa investigação com base no pensamento existencialista sartreano e nos postulados da vanguarda surrealista, sendo as obras desses autores do cinema e da literatura são exemplos singulares da dicção surrealista no âmbito da cultura italiana, visto essa vanguarda ter tido pouca inserção entre os italianos.

Podemos notar que, assim como Buzzati se preocupou bastante em produzir seu texto dando ênfase ao imagético e descritivo da cena e do espaço literário a ser composto, inclusive por ser também artista visual, Zurlini focalizou em seu filme a intersecção e a ressonância da imagem fílmica, especialmente pela fotografia da obra, com o espírito esvaziado do protagonista Giovanni Drogo, que busca incessantemente ser e não sabe, inicialmente, que existe, um sofrimento surreal justamente por não entender a própria surrealidade da situação em que se encontra.

A única saída possível é a inescapável e realidade surreal que todos enfrentaremos, a morte, abreviada pelo então Capitão Giovanni Drogo já muito doente. O forte Bastiani, espaço diegético das narrativas fílmica e literária, converte-se em nossa própria consciência de não ser. Portanto, a vida nesse espaço é filmada de forma a dar vida aos sentimentos existenciais e surreais de Drogo, o que transcende ao espectador, que ao fim do filme poderá se ver em situação semelhante a do protagonista e igualmente poderá questionar-se: a busca pela existência e a plenitude do ser devem seguir um rito pré-estabelecido? Há fórmulas para dar sentido à vida? Sartre diria que não. E as limitações da existência, o que causa dor e sofrimento, podem ser superadas? O livro e o filme *Deserto dos Tártaros* nos mostram que sim, porém, é preciso aceitar a própria surrealidade dos fatos e da existência cotidiana como fuga ao niilismo e ao desespero. Drogo e seus companheiros militares chegaram a essa compreensão da maneira mais violenta.

A eterna espera pela guerra cegou e sufocou a todos em suas próprias expectativas de viver o futuro, e como uma das formas honrosas de se notabilizar no meio militar é pela morte em batalha, na medida em que essa nunca chegava, o mais lógico é abreviar a existência, que até aquela altura sequer sabiam ser portadores dela, furtando do futuro essa prerrogativa. Neste ponto, Sartre diria que a ação de autoaniquilamento de Drogo é a mais radical forma de reconhecimento da existência, que, enfim, no momento derradeiro, é percebida por ele.

Como uma primeira consideração conclusiva, vemos que o mais importante da transposição cinematográfica feita por Zurlini, em nosso sentir, refere-se à manutenção ou rediscussão do universo existencial e surreal presente no texto de Buzzati, sem o compromisso, reiteramos, com fidelidades, mas com sintonias em relação ao que está disposto no texto de partida buzzatiano. Os discursos entrelaçam-se coerente e coesivamente em direção ao forte Bastiani, vista por nós como a fortaleza do Nada sartreano.

2 | ANÁLISE FÍLMICO-EXISTENCIALISTA DA PELÍCULA DE ZURLINI

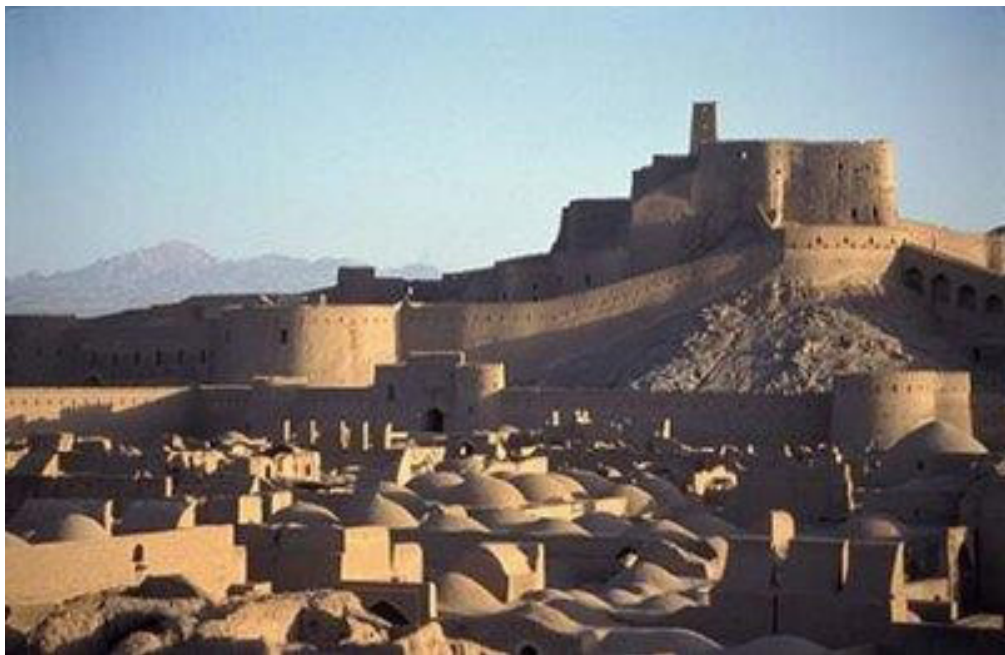


Figura 1 – Forte Bastiani de Zurlini

As fortificações militares são o oposto do que se vê convencionalmente como espaços de liberdade. Normalmente são territórios propícios aos alojamentos de soldados que guardam fronteiras e se preparam para combates. Na figura acima, ao contrário que se imagina, temos um “fotografia deserta”, visto que não há figuras humanas nela. Mesmo as sentinelas militares não se fazem presentes. A solidão como um refúgio de liberdade será na película de Zurlini algo a ser posto à prova.

Nessa linha, liberdade é um conceito central no pensamento existencialista de Jean-Paul Sartre. Ligado a esse conceito, há outras questões que permitem entender a natureza dialética e transcendental da liberdade sartreana. (SILVA, 2004). Uma dessas questões refere-se justamente ao monumento ideológico ainda maior, qual seja: a existência. Para Sartre, existir é uma opção de tornar-se, transcender-se permanentemente, de forma que a consciência desse processo existencial dá-se na medida em que tomamos consciência que a consciência é um ato de escolha, daí derivando a ideia de que não há consciência em si, mas para si.

Do mesmo modo, a existência é o intercâmbio entre a consciência de liberdade e a consciência de que a liberdade em si não existe como ato imanente ao ser, pois o ser, em Sartre, não existe enquanto categoria ontológica, mas fenomenológica, o que existe é a consciência da consciência, ou seja, o pensamento em liberdade (SILVA, 2004), ou como o próprio Sartre poderá:

Como ponto de partida não pode existir outra verdade senão esta: *penso, logo* existo; é a verdade absoluta da consciência que apreende a si mesma. Qualquer teoria que considere o homem fora desse momento em que ele se apreende a si mesmo é, de partida, uma teoria que suprime a verdade, pois, fora do cogito cartesiano, todos os objetos são apenas prováveis e uma doutrina de probabilidades que não esteja ancorada numa verdade desmorona no nada; para definir o provável temos de possuir o verdadeiro. (SARTRE, 1987, p. 15).

Firma-se, portanto que a existência é dada ao sujeito pela consciência da existência da liberdade ou a percepção da existência da liberdade consciente. É por isso que Sartre disse que a liberdade é “fundamento de todas as essências, posto que o homem desvela as essências intramundanas as transcender o mundo rumo às suas possibilidades próprias”. (SARTRE, 2007, p. 542).

Tomar consciência de estar livre é mais agudamente complicado e chocante do que parece, pois, o sujeito torna-se “prisioneiro” da liberdade e dela não pode fugir, visto que “Assim, minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma *propriedade* de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser” (SARTRE, 2007, p. 542-543), ocorrendo dessa feita, um conflito de liberdades que deixará “às claras a luta de duas liberdades confrontadas enquanto liberdades”. (SARTRE, 2007, p. 473), ou seja, estar livre é ser livre, porque o ser somente é ser em liberdade, o que o “obriga”, paradoxalmente a ser livre e construir seu projeto de ser por meio da existência. Mais que livre o homem almeja a transformação libertadora que é sempre um dever.

O grande desafio existencial é justamente criar e recriar o projeto de ser (SILVA, 2004). Giovanni Drogo, o sujeito existencial em debate no filme de Zurlini e no romance de Buzzati apresenta marcadamente essas inquietações em suas relações com o mundo. Não entender ou não aceitar as contradições da existência, causam-lhe dor e sofrimento extremo. E o pior, ver ao redor e não ter qualquer ponto de referência que o auxilie na compreensão dessas contradições existenciais somente adensam seu vazio.

O projeto existencial de Sartre advoga exatamente essa contradição, pois ainda não somos o que podemos ser, dada a ideia de que projetar-se é lançar-se a frente rumo à consolidação e, para isso, devemos admitir que não estamos consolidados, portanto, não somos (SILVA, 2004). A noção de incompletude ou de inacabamento garante ao sujeito a possibilidade de mergulhar nas suas próprias escolhas e investigar as melhores alternativas de existir ou para existir. Assim, a existência sartreana pressupõe a possibilidade da não existência, em face da liberdade concedida ao sujeito para

existir ou não (SILVA, 2004).

Giovanni Drogo ao se deparar com a sua trajetória quando de sua chegada ao forte Bastiani inicia sua odisseia rumo à autoconsciência de que de fato não existe. Essa consciência vem aos poucos, nos pequenos detalhes e na reavaliação de aspectos da realidade que lhe pareciam importantes, que doravante a sua chegada ao forte não sugerem toda a essencialidade de outrora em seus devaneios acerca da atividade militar e seu propósito maior, que é a preparação para o conflito. A pompa militar é um destes aspectos.

Drogo passou toda a sua vida preparando-se para a guerra, portanto, para o conflito, contudo, estava totalmente despreparado para lidar com suas próprias batalhas existenciais, as quais incluíam inclusive rever suas escolhas em termos de projeto de vida. O ambiente claustrofóbico e extremamente regrado da rotina militar não compatibiliza com a ideia de liberdade.

Esse aspecto é fulcral para vermos que as angústias e reflexões existenciais de Drogo teriam no forte Bastiani apenas os meios de acelerar sua derrocada como ser em autoquestionamento. Entretanto, é nesse espaço opressivo que o protagonista encontra as fissuras reflexivas dadas pela constante tensão de algo que nunca se realiza. O tédio assombra e contamina a todos no Forte.

A paisagem onde tudo se desenrola é o “deserto”, mas trata-se de um deserto simbólico, existencial e surrealista, que guarda vínculos com outra dimensão crucial do pensamento de Sartre, o nada.

Drogo passou toda sua vida se preparando para servir ao exército, mas quando de seu ingresso na condição tenente formado nas fileiras militares constata paradoxalmente que não servia ao mais importante, a si mesmo. Passou, portanto, toda sua caminhada militar formativa deformando-se existencialmente.

Enquanto obedecia fielmente aos mandamentos militares hierárquicos e toda a sorte de protocolos institucionais traía-se enquanto sujeito titular de sua existência. Não havia consciência da consciência, portanto, renegava sua condição ser para liberdade. Dessa forma, não era e nem existia.

Em discussão sobre a natureza fenomenológica do nada frente ao nada dialético de Hegel, Sartre forma sua exposição com base na metafísica de Heidegger, evocando para isso o conceito de *Dasein* (ser-aí no mundo ou ser existente) heideggeriano.

a legitimidade da interrogação sobre o ser: este já não tem esse caráter de universal escolástico que ainda conservava em Hegel; há um sentido do ser que precisamos elucidar; há uma “compreensão pré-ontológica” do ser, envolvida em cada conduta da “realidade humana”, ou seja, cada um de seus projetos. Do mesmo modo, as aporias que se costuma levantar quando um filósofo aborda o problema do Nada se revelam sem importância: não têm valor salvo na medida em que limitam o uso do entendimento e apenas mostram que esse problema não pertence à ordem do entendimento. Ao contrário, existem numerosas atitudes da “realidade humana” que implicam uma “compreensão” do nada; o ódio, a proibição, o pesar, etc. Há inclusive para o *Dasein* possibilidade permanente de encontrar-se “frente” ao nada e descobri-lo como fenômeno: é a angústia. (SARTRE, 2007, p. 58).

Esse encontro com o nada é a síntese da história de vida de Drogo e o deserto dos tártaros foi uma metáfora de Buzzati para materializar literariamente na narrativa esse nada fenomenológico e existencial.

Na concepção fenomenológica, o nada é exatamente isso: nada, pois “o nada não é. O Nada se nadifica” (SARTRE, 2007, p. 58) e mesmo esse processo de nadificação do Nada depende essencialmente do ser:

O nada, não sustentado pelo ser, dissipa-se enquanto nada, e recaímos no ser. O nada não pode nadificar-se a não ser sobre um fundo de ser: se um nada pode existir, não é antes ou depois do ser, nem de modo geral, fora do ser, mas no bojo do ser, em seu coração, como um verme. (SARTRE, 2007, p. 63).

O importante é ter em mente que o ser não existe sem a compreensão de sua relação com o Nada:

Concluimos então que, se a negação não existisse, nenhuma pergunta poderia ser formulada, sequer, em particular, a do ser. Mas essa negação, vista mais de perto, remeteu-nos ao Nada como sua origem e fundamento: para que haja negação no mundo e, por conseguinte, possamos interrogar sobre o Ser, é necessário que o Nada se dê de alguma maneira. Compreendemos que não se podia conceber o Nada fora do ser, nem como noção complementar e abstrata, nem como meio infinito onde o ser estivesse em suspenso. É preciso que o Nada seja dado no miolo do Ser para que possamos captar esse tipo particular de realidades que denominamos Negatividades. (SARTRE, 2007, p. 63).

E também o contrário, pois o nada é em verdade nadificado por um ser que tem contido em si próprio esse nada que se transcende, ou seja, é “*um ser pelo qual o nada venha às coisas*” (SARTRE, 2007, p. 64, grifo do autor). O Nada que Drogo perseguiu desde sua chegada ao forte foi o dia da batalha, o início da guerra.

Eis como Sartre (2007) pondera com mais profundidade a advento do nada oriundo do ser:

O Ser pelo qual o Nada vem ao mundo deve nadificar o Nada em seu Ser, e, assim mesmo, correndo o risco de estabelecer o Nada como transcendente no bojo da imanência, caso não nadifique o Nada em seu ser a propósito de seu ser. O Ser pelo qual o Nada vem ao mundo é um ser para o qual, em seu Ser, está em questão o Nada de seu ser: o ser pelo qual o Nada vem ao mundo deve ser seu próprio Nada. E por isso deve-se entender não um ato nadificador, que requeresse por sua vez um fundamento no Ser, e sim uma característica ontológica do Ser requerido. (SARTRE, 2007, p. 64).

E como Zurlini representou cinematograficamente o deparar-se de Drogo com o Nada? Um exemplo dessa reivindicação do Nada realizada por Drogo ocorre quando, sob a suas ordens, mata-se um homem que bate à porta do Forte em uma noite chuvosa, e um soldado subordinado de Drogo, em respeito às recomendações de seu superior, e sem querer ouvir as súplicas do homem para entrar no forte, o ameaça para

que este vá embora.

Após os avisos regulamentares, o soldado alveja o homem que estava montado em um cavalo branco. Para Drogo e seus soldados, o indicativo de que o homem era um inimigo militar era o cavalo branco, que ao longo do filme referiam-se a tal tipo de cavalo como um cavalo “tártaro”. Essas ações pretensamente de defesa militar não passaram da incapacidade dos personagens em lidar com os aspectos do nada contidos neles mesmos.

Como o homem foi abatido, deu o processo de nadificação do nada. Após o fato, Drogo foi repreendido pelo excesso, visto que seus superiores consideraram a atuação do soldado exagerada, tendo em vista não confirmação de um perigo militar real, o que demonstra a leitura surrealista dos fatos realizada por Drogo e seus soldados.

Cabe também pontuar que até mesmo a atividade militar de Drogo também eclodiu de um nada que estava contido em seu ser, em seus sonhos, e que ao concretizá-lo nada mais fez que o nadificá-lo, ou seja, o seu desejo de seguir a carreira militar é em si uma perspectiva do Nada que se concretizou.

A prova de que esse desejo dialoga com o Nada é a presença constante da angústia e da ansiedade de Drogo no exercício de seu ofício militar. É incrível percebemos que em essência os desejos são expressão do Nada, pois não é trivial e incomum a luta do ser frente aos seus próprios desejos, justamente por questioná-los em sua natureza supostamente de essencialidade, o que nos leva a sucumbirmos a eles ou a sufocá-los.

No caso dramático de Drogo, o seu desejo pela prova cabal de seus talentos militares, ou seja, de participação em movimento beligerante traz à tona a dimensão nadificada de seus propósitos. Além disso, há também um desejo de aniquilar o outro, de transformar o outro ser em nada, pois não se faz uma guerra sem oponentes. Esse outro que Drogo precisa pensar como ser para depois alçá-lo ao nada, nunca passou de outra face do nada desperto por ele que havia em seu ser.

Logo no início do filme, Drogo prepara-se para sua partida rumo ao forte Bastiani. Em sua despedida de casa e de suas origens, o protagonista mira com atenção em sua cidade, mas ao fundo da imagem o que se apresenta é o forte, seu destino tão idealizado, que imagetivamente já anuncia sua presença, até então apenas “existente” na cabeça e nos sonhos do jovem Drogo.



Figura 2

A presença do surrealismo no filme é sutil tal qual ocorre no romance de Buzzati. E tal presença, é percebida no choque entre a visão de realidade que os personagens, em especial, Drogo tem e a efetiva ou contraditória exposição do real que eles experimentam. É assim, um choque entre idealização e realidade.

Neste percurso, Drogo não consegue enxergar as ocorrências surreais da própria realidade, exatamente porque desconhece que a realidade é uma construção plural e complexa da consciência.

O surreal em *Deserto dos Tártaros* é esperar pela insurgência de algo surreal e surpreendente, como é a guerra em tempos de paz. O filme assim como o romance põe em cheque a ideia de preparação militar para a guerra como algo “preventivo” ou “previdente” de um inevitável conflito armado.

A guerra é o que há de mais surreal para a condição humana, pois busca aniquilá-la (nadirar o nada que passa a ser o fantasma do outro que me amedronta) e esperar por ela como uma certeza é uma atitude de leitura surreal da realidade. Não foi por acaso que a própria estética surrealista surgiu no pós-guerra de 1918². Foi em 1924 que os estetas do surrealismo lançaram definitivamente suas bandeiras.

André Breton (1924) no manifesto surrealista pondera que a guerra e acentuação da loucura que veio com ela mostrou a necessidade de recuperar o pensamento livre de reticências, uma espécie de consciência livre da razão, que inclusive encontra respaldo na psicanálise freudiana. E nesse conjunto de reflexões, Breton (1924) destaca a questão da guerra como momento de buscar em si o que se perseguia nas mentes dos loucos:

2 O termo surge com Apollinaire em 1917, portanto, um pouco antes do fim da guerra. Isso nos revela inclusive que as incertezas de futuro geradas pelo conflito mundial se relacionam com a forma surreal de ler a realidade, que para os surrealistas, essa realidade não era nada mais que surreal, por isso é que a arte deveria representá-la dessa maneira.

Tão ocupado estava eu com Freud nessa época, e familiarizado com os seus métodos de exame que eu tivera alguma ocasião de praticar em doentes durante a guerra, que decidi obter de mim o que se procura obter deles, a saber, um monólogo de fluência tão rápida quanto possível sobre o qual o espírito crítico do sujeito não emita nenhum julgamento, que não seja, portanto, embaraçado com nenhuma reticência, e que seja tão exatamente quanto possível o pensamento falado. (BRETON, 1924)³.

A conclusão do manifesto surrealista não poderia ser mais aplicável às reflexões que aqui estamos propondo, especialmente para ligar a situação de Drogo a um modo surrealista de agir e de negar a própria existência. Parece até mesmo uma fala de Drogo:

O surrealismo é o “raio invisível” que um dia nos fará vencer os nossos adversários. “Não tremes mais, carcaça.” Neste verão as rosas são azuis, a madeira é de vidro. A terra envolta em seu verdor me faz tão pouco afeito quanto um fantasma. VIVER E DEIXAR DE VIVER É QUE SÃO SOLUÇÕES IMAGINÁRIAS. A EXISTÊNCIA ESTÁ EM OUTRO LUGAR. (BRETON, 1924).

Nem mesmo as insígnias, pombas e vestes talares do meio militar foram capazes de convencer Drogo sobre a importância de seu ofício. Ao contrário, tudo isso foi aos poucos sendo visto por ele como uma demonstração do vazio de suas aspirações militares. A recepção que teve ao chegar ao primeiro jantar em seu novo posto como oficial no Forte Bastiani mostra bem como o julgamento realizado por seus superiores indicava como dali em diante seria sua vida: repleta de um jogo de aparências e ostentação militar sem sentido na realidade ou na sua leitura do que seria a realidade doravante. Assim, vejamos na figura abaixo o tom solene e como sua presença é severamente observada por todos os militares que se vestem de branco em contraste à farda em tom de azul escuro de Drogo. O novo oficial não percebera que para o jantar havia uma farda especial, pomposa e que destacava como um simples jantar passara a ser um momento especial do dia para aqueles militares. O que não se adéqua a uma ideia de grandes acontecimentos que Drogo esperava, visto que se tratava de um mero jantar.

3 BRETON, André. *Manifesto do surrealismo*, 1924. Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/breton.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2017.



Figura 3

Drogo entrou na fila pela solução existencial mais extrema. À medida que ia subindo de patente hierárquica, via sua glória militar distanciar-se ainda mais, ao mesmo tempo em que via seus superiores morrerem ou deixarem o forte sem vivenciar qualquer movimento de batalha. A última batalha foi vencida por Drogo.

Doente e sem forças para continuar, ele adormece, num sono profundo, tentando ir embora do forte. A cena sugere seu fim. A solução cinematográfica de Zurlini dialoga com a sugestão literária da morte de Drogo, que também é apenas insinuada diante do contexto narrado:

Mas depois veio-lhe à mente: e se tudo fosse um engano? E se sua coragem não passasse de embriaguez? Se isso se devesse apenas ao maravilhoso crepúsculo? Ao ar perfumado, à pausa das dores físicas, às canções ao piano lá embaixo? E se dentro de alguns minutos, dentro de uma hora, ele precisasse voltar a ser o Drogo de antes, fraco e vencido? Não, nem pense nisso. Drogo, agora chega de atormentar-se, o que importa já está feito. Mesmo se o assaltarem as dores, mesmo se não houver mais as músicas para consolá-lo e, ao contrário dessa belíssima noite, vierem névoas fétidas, tudo será o mesmo. O que importa já foi feito, não podem mais enganá-lo. O quarto está repleto de escuridão, somente com muito custo pode-se enxergar a brancura da cama, todo o resto é negro. Daqui a pouco deverá surgir a lua. Terá tempo. Drogo, de vê-la, ou terá que partir antes? A porta do quarto palpita com um leve estalo. Quem sabe é um sopro de vento, um simples redemoinho de ar dessas inquietas noites de primavera. Quem sabe, ao contrário, tenha sido ela a entrar, com passo silencioso, e agora esteja se aproximando da poltrona de Drogo. Fazendo força, Giovanni endireita um pouco o peito, ajeita com a mão o colete do uniforme, olha ainda pela janela, um brevíssimo olhar para sua última porção de estrelas. Em seguida, no escuro, embora ninguém o veja, sorri. (BUZZATI, 1984).



Figura 4

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sorriso final do Drogo buzzatiano é o sinal da conquista da liberdade e da existência. No filme de Zurlini não há sorrisos, mas há uma indicação de paz e alívio nas feições mesmo adoecidas e febris do Drogo zurliniano. Apesar de seu estado de saúde debilitado, a sua consciência aflora e passa a conviver com o seu estado febril, que não lhe coloca mais em delírio.

A figura 2 com homens em linha (de combate?) remete a uma ocorrência de delírio coletivo das sentinelas, pois apesar de verem a comitiva no deserto, sempre fica a dúvida se são os oníricos inimigos do forte Bastiani. O Plano geral dá a grandeza do deserto, do nada em detrimento da fragmentação de seres que ali transitam ou seria a própria fragmentação do ser?

Em seu fim, está lúcido, embora fraco, diferentemente das alucinações de supostamente ver inimigos aproximarem-se do forte em momentos anteriores e que teoricamente estava mais saudável e lúcido. Visto dessa forma, muito mais doente Drogo estivera quando de sua chegada ao forte, pois fora contaminado pelas expectativas surreais de seus companheiros.

REFERÊNCIAS

BRETON, André. *Manifesto do surrealismo*, 1924. Disponível em: <www.culturabrasil.org/zip/breton.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2017.

BUZZATI, Dino. *O deserto dos Tártaros*. Tradução Homero F. Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

SILVA, Franklin Leopoldo. *Ética e literatura em Sartre*. 1ª Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

FILMOGRAFIA

Deserti dei tartari. Direção: Valerio Zurlini. 1976. Coprodução ítalo-franco-tesdesca, 141 min. Colorido.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-070-4

